

Valores, efeitos de sentido e estratégias discursivas em textos jornalísticos sobre a violência no futebol¹

Values, meaning effects and discursive strategies in journalistic texts on violence in football

*Magnos Cassiano Casagrande**
*Adair Caetano Peruzzolo***
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A presente investigação visa responder como se dá o manuseio e a afirmação de valores humanos e de conduta, via efeitos de sentido e estratégias discursivas, por parte do dispositivo de enunciação jornalística Zero Hora a respeito dos atos de violência praticados pela torcida organizada Geral do Grêmio. Intenta ainda identificar as vozes que são explícitas e silenciadas pelos enunciadores a respeito dos atos. O estudo está calcado na Teoria da Enunciação e na Semiologia dos Discursos e possui como objeto teórico-metodológico a construção do discurso, suas estratégias discursivas e os consequentes efeitos de sentido. Conclui-se que os principais valores postos em circulação são o da cooperação, da proteção, do dinheiro, da rivalidade e da racionalidade dos atos. Além disso, é possível dizer que não há paridade na seleção de vozes que são chamadas para o discurso e que os textos apresentam, por vezes, visões generalizantes e reducionistas.

Palavras-chave:

Valores. Efeitos de Sentido. Estratégias Discursivas. Violência no Futebol.

¹ As concepções teórico-metodológicas e as considerações presentes neste artigo integram a dissertação que está sendo elaborada pelo autor junto ao curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação do Doutor Adair Caetano Peruzzolo.

* Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria. magnoscassiano@yahoo.com.br

** Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pós-Doutor pela Universidad Autonoma de Barcelona. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. acperuzzolo@gmail.com

Abstract

This research aims to answer how is the handling and claim human values and conduct, through effects of meaning and discursive strategies, by the device of enunciation newspaper Zero Hora about the acts of violence committed by organized fans of General Guild. Further attempts to identify the voices that are silenced by explicit and enunciators regarding acts. The study is underpinned by the Theory of Enunciation and Semiology Speeches and has as its object the theoretical-methodological construction of discourse, discursive strategies and the resulting effects of meaning. We conclude that the main values are put into circulation cooperation, protection, money, rivalry and rationality of acts. Furthermore, it is possible to say that there is parity in the selection of voices that are calling for speech and texts have sometimes generalizing and reductionist visions.

Keywords:

Values. Meaning Effects. Discursive Strategies. Football Violence.

A investigação aborda um fenômeno esportivo dotado de grande capacidade de mobilização, o futebol, com o foco voltado para a problemática da violência envolvendo os torcedores, a qual suscita frequentes debates entre autoridades de segurança, clubes de futebol, torcedores, jornalistas e pesquisadores e, recebe grande atenção da cobertura midiática. A título de exemplificação, em dez meses de coleta de textos para o *corpus* de análise que compõe a dissertação (agosto de 2012 e maio de 2013) foram encontrados, em Folha de São Paulo e Zero Hora, 125 textos que abordaram a temática. Para o presente estudo, foram separados textos relacionados aos atos de violência envolvendo a torcida organizada Geral do Grêmio, publicados pelo Jornal Zero Hora no período mencionado.

Destaca-se, através de Maffesoli (1987), que a violência é um fenômeno constante na sociedade, herança de todo processo de civilização e, que basta aos indivíduos encontrar modos de negociar com ela, modos de socializá-la ou amenizá-la. Possuindo a referida característica ela atinge também o futebol, um esporte baseado na competição, no confronto entre oponentes dotado de grande potencial simbólico, ritualístico, que promove a coletividade e a sociabilidade. No momento em que o oponente (tanto torcedor, quanto jogador) passa a ser visto como um inimigo, um ser que obrigatoriamente deve ser inferior, tem-se o conflito, e o conflito gera a violência.

O fenômeno sociocultural da violência no futebol recebe grande cobertura midiática, a qual é recebedora de críticas em virtude do constante sensacionalismo, da dramatização demasiada, dos valores postos em circulação e, principalmente, pelo reducionismo no tratamento das causas e apontamento de responsáveis.

São valores que sustentam o discurso sobre a violência no futebol. Cabe ao enunciador fazer o enunciatário acreditar nos valores propostos. Conforme nos diz Peruzzolo (no prelo), “Os valores são (funcionam como) mecanismos de interpretação do mundo, criados por grupos humanos em meio a sua luta pela sobrevivência e pela majoração desta”. Diz ainda o autor, que o valor “é a importância que um objeto, ideia, ou situação assumem na relação com o sujeito”. Com efeito, o que move o estudo e o que se pretende responder é como se dá a afirmação de valores humanos e de conduta que permeiam as causas do fenômeno, através de efeitos de sentido, estes, constituídos via estratégias discursivas. Desse modo, tenta-se identificar os mecanismos que são utilizados para propor explicações, opiniões, causas e consequências de atos violentos que ocorrem no futebol, ou seja, analisar como um dispositivo de enunciação jornalístico, no caso, o Jornal Zero Hora, interpreta o fenômeno da violência no futebol e como apresenta essa interpretação para os enunciatários.

A estas questões, acrescenta-se a tentativa de identificar as vozes que são explícitas e silenciadas pelos enunciadores, pois, parte-se do pressuposto de que estes não apenas noticiam os fatos, ao fazê-lo já apresentam posicionamentos, perspectivas, e os pensam em meio a outros fenômenos socioculturais.

Como objeto teórico-metodológico, apresenta-se a construção do discurso com suas estratégias discursivas pensadas para a produção de efeitos de sentido, os quais possibilitam a identificação de valores humanos e de conduta. Desse modo, o estudo aparece calcado na Teoria da Enunciação e na Semiologia dos Discursos, que permite analisar, além do modo de manifestação dos textos, as intenções humanas que sobre eles recaem e os lugares ocupados pelos sujeitos da enunciação. Já como objeto empírico, têm-se textos jornalísticos do Jornal Zero Hora que versam sobre os conflitos envolvendo a torcida organizada Geral do Grêmio.

A enunciação da violência relacionada ao futebol é carregada de efeitos de sentido elaborados por um conjunto de estratégias discursivas, as quais são construídas com a intenção de persuadir. A leitura das estratégias e dos modos de enunciação possibilita verificar o manuseio e a afirmação de valores, bem como o movimento dos sentidos, as vozes presentes nos discursos e o entrecruzamento entre diversos temas em um discurso. Tal

caminho possibilita a descoberta de sentidos dados à violência no futebol pelo discurso midiático e a linguagem utilizada pelos meios para tratar do assunto.

1.1 Pressupostos teórico-metodológicos

O intuito da enunciação jornalística é envolver e persuadir o leitor. Desse modo, constrói um dizer dotados de estratégias discursivas, as quais sustentam efeitos de sentido possíveis. Toda materialidade jornalística, no entendimento de Charaudeau (2006), é dotada de “efeitos de sentido possíveis”, os quais são resultado do ato da instância de enunciação de idealizar um destinatário e organizar um discurso orientado por efeitos de sentido visados, os quais podem ou não serem percebidos pela instância de recepção, a qual pode ainda produzir outros efeitos. Os efeitos de sentido possíveis resultam das intenções da instância da enunciação e o sentido despertado no polo receptor. Com efeito, instaura-se, de acordo com Peruzzolo (2004), um fluxo comunicativo que envolve enunciador, enunciado e enunciatário, no qual, os três polos estão em constante interação.

O enunciador se propõe no discurso para buscar o enunciatário. O texto do enunciador intenta atrair, seduzir, despertar sentidos no outro sujeito humano. Com efeito, esse exercício de persuasão visa manter o enunciatário envolvido na trama. Os sujeitos da enunciação, enunciador e enunciatário, agenciam-se nesse espaço de interação chamado discurso, com suas intenções e valores. Por consequência, os sentidos despertados por um discurso resultam dessa cointencionalidade e desse fluxo valorativo.

Os referidos aspectos tornam a relação de comunicação essencialmente discursiva e intersubjetiva. Assim, quando se fala em discurso, nota-se que ele é o espaço de interação entre os sujeitos, como também afirmam Verón (2004) e Peruzzolo (no prelo) e, o espaço em que cada indivíduo se constitui como sujeito. Nesse espaço são produzidos os efeitos de sentido e manuseados os valores. Nele ainda, os sujeitos promovem o encontro com o outro, os quais apresentam suas intencionalidades.

O discurso é formado por um diálogo constante entre os sujeitos e com outros discursos. Bakhtin (1986, p.113) diz que a palavra “é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”. Ou seja, toda palavra é orientada em função de um interlocutor, seja este real ou um representante ligado ao grupo social do locutor. Com efeito, toda palavra tem uma origem e um destino, o qual é determinado pelo contexto social mais próximo. É por isso que diz o autor também, que a enunciação é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente

organizados” e que todo dito compreende, coexiste, coabita e responde ao que já fora dito. Ao necessitar de um contexto social, as palavras demonstram que sua estrutura é de natureza social.

O discurso, desse modo, tem a função de despertar sentidos nos sujeitos humanos. É através dele, de acordo com Peruzzolo (no prelo), que os sentidos são explicitados, movimentados e “agenciados entre os sujeitos”. Em virtude disso, o discurso provoca efeitos de sentido, já que o sentido não pertence ao discurso, ele é da esfera do sujeito humano. Em todo discurso existem sujeitos comunicantes que têm a intenção de persuadir o outro de determinados valores (valores de conduta, de contra-conduta, valores positivos e valores negativos, por exemplo) e esse processo de persuasão do outro ocorre através de investimentos persuasivos conduzidos por estratégias discursivas. A identificação e a análise das estratégias discursivas elaboradas por sujeitos comunicantes e dos efeitos de sentido constituídos em um discurso possibilita encontrar os valores propagados, os valores que vem do outro e que a ele são atribuídos.

Os efeitos de sentido produzidos em um discurso se orientam pelo valor existencial que representam para os sujeitos envolvidos no processo comunicacional. Além disso, é possível dizer que os efeitos de sentido são reveladores das intencionalidades dos sujeitos humanos. Efeitos de sentido que, segundo Peruzzolo (No prelo), “são fenômenos sociais que não são explicáveis sem levar em consideração as condições socioculturais em que são produzidos”. Quando o autor se refere à busca por efeitos de sentido, faz referência também aos “intuitos dos sujeitos da enunciação”. A denominação de sujeitos, no plural, se justifica, pois tanto o enunciador quanto o enunciatário estão sempre presentes em um discurso. Em um ato de enunciação, ambos entram na relação com alguma intencionalidade. O jogo de intencionalidades resulta na produção de efeitos de sentido e é possibilitado por um discurso. No presente estudo, trabalha-se com três tipos de efeitos de sentido principais: efeito de sentido de realidade, efeito de sentido de enunciação e efeito de sentido de tematização. Em virtude dos objetivos propostos para a análise recaírem sobre os valores, os temas e subtemas colocados em circulação por textos produzidos por Zero Hora, os efeitos de tematização preponderam ao longo da investigação.

a) Efeito de sentido de realidade: No entendimento de Peruzzolo (no prelo), os efeitos de realidade se constituem em uma “conexão semiótica que ocorre entre o real vivido e o real narrativizado”. Assim, a produção desse efeito visa concretizar sentidos, por meio de recursos discursivos exteriorizados tendo como suporte uma materialidade, que pode ser, por exemplo,

o texto de uma reportagem jornalística, de uma notícia, de um artigo de opinião. O efeito de sentido de realidade é entendido por Barros (2010, p.59) como “as ilusões discursivas de que os fatos contados são ‘coisas ocorridas’, de que seus seres são de ‘carne e osso’, de que o discurso, enfim, copia o real”. De acordo com Navarro (2010, p.83), “Um discurso de verdade é aquele que, ilusoriamente, se estabelece como um lugar de completude dos sentidos”. Tal efeito pode ser obtido através de estratégias discursivas como, por exemplo, fazer referência a pessoas, a objetos, a lugares, a características individuais e a qualificações profissionais, utilização de discurso direto e de discurso indireto, utilização de fotografias. Tais estratégias contribuem para a construção de uma ilusão de verdade.

b) Efeito de sentido de enunciação: Os efeitos de enunciação estão calcados na relação que se estabelece entre o sujeito e seus dizeres, isto é, nas relações entre sujeito da enunciação e o discurso. Ao analisar os efeitos de enunciação verifica-se se o sujeito produz um efeito de sentido de aproximação (subjetividade) ou efeito de sentido de afastamento (objetividade) e através de quais estratégias eles são elaborados. Quanto ao efeito de objetividade, Barros (2010, p.55) afirma que o que existe é uma ilusão de afastamento, pois a enunciação, de qualquer maneira, está “*filtrando* por seus valores e fins tudo o que é dito no discurso”. Como diz Peruzzolo (2004, p.140): “todo enunciado pressupõe um sujeito que o enuncia”. O enunciador não consegue se ausentar do texto. Como observa Brait (2004, p.47), “cria-se o efeito de objetividade, de transparência como se não houvesse um enunciador. Entretanto, a construção da cena enunciativa revela a existência de um sujeito da enunciação”. A utilização de verbos impessoais, utilização de autoridades, discurso direto e discurso indireto são as principais estratégias que criam o efeito, a ilusão de objetividade. Já o efeito de sentido de subjetividade, demonstra intencionalmente a responsabilidade do sujeito enunciador pelo ato de enunciação. O efeito é construído através de pronomes de 1ª e 2ª pessoa (singular e plural), pronomes possessivos, advérbios de modo e ajuizamentos (Peruzzolo, 2004). Através da análise dos efeitos de enunciação e das estratégias que os constituem podemos ver o modo como o enunciador se relaciona com sua fala e o modo como se posiciona no discurso.

c) Efeito de sentido de tematização: Através dos efeitos de tematização os sentidos são investidos e reiterados em temas, subtemas em um enunciado. Tais efeitos são produzidos por meio de um fluxo temático (traços, cadeia de ideias - plano abstrato) e fluxos figurativos (formas peculiares de tematização – plano concreto). Ambos os fluxos visam à elaboração de argumentos, informações, pensamentos, sentimentos e valores. Os efeitos de tematização aparecem seguidamente conectados com os efeitos de realidade e de enunciação, pois deles

são constituintes e por eles podem ser constituídos. De acordo com Barros (2010, p.68), os valores, no nível discursivo, são “disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação”, no caso, do enunciador. Os valores são manuseados dessa maneira para que possam, segundo os dizeres de Peruzzolo (2004, p.185), constituir e “assegurar efeitos de sentido”. De acordo com Fiorin (2009, p.91), temas são palavras e expressões que não remetem ao mundo natural; os temas “são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural”. A função de remeter a algo existente no mundo natural cabe às figuras, tidas como “todo conteúdo de qualquer língua ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural” (FIORIN, 2009, p.91). Para Peruzzolo (No prelo), o discurso é uma teia de fios temáticos. Por conseguinte, o discurso é uma composição. Os termos vão se repetindo e remetendo a outros ao longo da construção, de uma reportagem, de um artigo de opinião, de um editorial com intuito de dar integridade e unidade ao texto.

1.2 Geral do Grêmio e violência segundo Zero Hora

Expressões vindas do discurso referente à guerra ressoam frequentemente nos textos de Zero Hora dedicados aos atos de violência entre integrantes da torcida organizada Geral do Grêmio. A temática da guerra e da violência ganham concretude em “O comandante da baderna na Arena” publicado em 27 de dezembro de 2012, através de figuras como ‘*tambor*’, instrumento utilizado pelo líder da torcida ‘*como arma*’, de iconizações como ‘*acerta um pontapé na cara de um adversário*’. A temática encontra sustentação nas qualificações dadas e termos utilizados pelo enunciador do texto - algo que demonstra sua aproximação do discurso - para caracterizar o acontecimento: ‘*baderna*’, ‘*briga*’, ‘*selvageria*’, ‘*pancadaria*’, ‘*promover batalhas*’ e ‘*aliados*’. Nota-se que o enunciador estabelece, ancorado em imagens, entre quem se dá o embate: entre torcedores do mesmo clube e inclusive da mesma torcida organizada, que passam a ser tratados como adversários. Pensa-se que o enunciador quando diz ‘*O comandante*’, ‘*o principal agitador do quebra-quebra*’, ‘*Conserva o respeito*’, eleva um dos torcedores, no caso, um dos líderes da torcida organizada à condição de protagonista do discurso em que todas as ações em seu entorno.

No segundo texto, intitulado “O que explica a violência”, publicado em 30 de dezembro de 2012, o enunciador se propõe a explicar o que motiva a violência, especialmente

entre torcedores do mesmo time e torcedores de uma mesma torcida, através da apresentação de causas para o fenômeno. Entende-se que as causas podem ser tomadas como valores que são afirmados pelo enunciador e vistos como aqueles que sustentam o fenômeno.

O valor da rivalidade existente entre as torcidas de Grêmio e Internacional é alimentado pela utilização de uma montagem com duas fotografias, elaborada pelo enunciador de “O que explica a violência”, que aparece na parte superior da página e apresenta, em lados opostos, recortes de tumultos, aparentemente entre torcedores do próprio time. No entanto, as imagens que geralmente procuram ajudar na explicação de um fenômeno, aqui aparecem expostas apenas para alimentar a rivalidade e como uma estratégia do dispositivo jornalístico para falar de um clube sem deixar de falar no outro. O valor da rivalidade volta a ser manuseado com a apresentação do “*Mapa de relacionamento entre as torcidas*”, o qual coloca as torcidas dos dois clubes em lados opostos e estabelece ligações com diferentes como torcidas de outros clubes do Brasil.

O valor da cooperação (tanto positiva quanto negativa) entre clubes e torcidas organizadas é frequentemente manuseado pelos enunciadores e aparece figurativizado pelo termo ‘*regalias*’. O valor da cooperação aparece muito ligado ao valor do dinheiro, o qual sustenta aquele e muitas vezes financia a violência (para afirmar isso, o enunciador utiliza em discurso direto e também em discurso indireto, expressões de líderes das torcidas que confirmam essa relação). No entanto, este valor sustenta um contraponto, pois ele é financiador da violência, especialmente entre torcedores do mesmo time e pode ser causador de prejuízos aos clubes, segundo aponta o enunciador de “Grêmio controla a Geral para não perder dinheiro”, publicado por Zero Hora em 29 de dezembro de 2012. Valor relevante demonstrado também através da construção de um efeito de realidade (dado estatístico): “De cada real arrecadado, 65% ficam com o Grêmio”. Ou seja, caso o clube tenha de jogar em outro estádio ou sem torcida, ele terá prejuízos.

Destaca-se que o termo “controla” reforça que a cooperação entre clube e torcida organizada provavelmente continue, embora tenha de passar por ajustes. Nota-se ainda a coloca-se em xeque dessa relação, caso o ajuste não ocorra. Conforme Charaudeau (2006), as palavras podem ocultar e até dissimular ideias e pensamentos do mesmo modo que pode explicitá-los. Dessa forma, constata-se que o enunciador, ao fazer uma generalização, intenta atribuir também aos clubes a responsabilidade pelos atos de violência provocados pelas torcidas, já que são eles que oferecem os benefícios, os quais viram motivos de disputa entre elas.

O valor da cooperação, ainda segundo o enunciador de “O que explica a violência”, aparece sustentado também por três formas de manifestação do valor da proteção: a) torcidas organizadas formam alianças com outras torcidas para se protegerem das adversárias e ao mesmo tempo combatê-las; b) torcedores dão suporte para o(s) líder(es) nas ações do grupo; c) torcedores violentos garantem a proteção aos demais. O enunciador utiliza das estratégias do uso da opinião de uma autoridade e do uso da voz de policiais para mostrar que essa proteção é perigosa. Destaca-se aqui, a opinião de Pedro Rubim, promotor do Ministério Público do Rio de Janeiro. Segundo o enunciador, ele *‘diz que as alianças podem complicar jogos tranquilos entre times de Estados diferentes – basta que rivais locais se juntem aos forasteiros’*.

A violência, segundo o enunciador de “O que explica a violência”, assume também um valor positivo. Através da estratégia discursiva da apresentação de um fato diz que essa característica garante a *‘ascensão de alguns integrantes ao topo das organizações’*. Positivo ou negativo, não deixa, no entanto, de ser um valor, pois, como diz Peruzzolo (no prelo), continua a fundar o fazer humano. E a violência continua a ser apresentada pelo enunciador como um valor positivo para os torcedores, pois pode virar um *‘símbolo de status’* e que garante *‘pontos na hora da divisão dos benefícios dados pelo clube, garante a presença em partidas importantes e assegura vantagens financeiras’*.

Outro valor é o da racionalidade dos atos. O enunciador causa um efeito de sentido de que a violência ocorre de maneira racional. Através da utilização de verbos que indicam ação e de um julgamento diz o enunciador: *‘Líderes da Geral estimulam, patrocinam e comandam esses tumultos’*, *‘bem mais frequentes do que se imagina’*. Além do mais, cria um efeito de naturalidade dos fatos. A questão da irracionalidade é trabalhada com o suporte da voz do especialista, para o qual, ela funciona como estratégia para impor medo e barganhar os clubes. O valor de vingança também é apontado como uma das causas da violência no futebol e também é afirmado com o apoio da voz de especialistas, além de aparecer figurativizado através de *‘revide’* e *‘rixas que não cicatrizam’*.

As causas citadas anteriormente, figurativizados pelo enunciador, para reforçar a temática trabalhada, em *‘motor para os tumultos’*, se tornam a base para a *‘tensão permanente entre rivais e até facções de uma mesma torcida’* num estádio de futebol e nas cercanias. Os grupos violentos se aproveitam da função que exercem, junto com toda a torcida organizada de carnavalizar o futebol, para, segundo o enunciador, deixar *‘o jogo e o time (...) em segundo plano’*. Aproveitam-se ainda do anonimato e da consequente impunidade para acertarem suas

‘*rixas pessoais*’, para fazerem acertos de contas. As expressões destacadas nesse parágrafo sustentam a intenção do enunciador, mostrar que esses torcedores não fazem bem ao futebol.

Um último destaque referente ao texto “O que explica a violência” diz respeito ao efeito de totalidade, de que em todo o país as torcidas organizadas são preocupantes. Esse efeito é visado pelo enunciador quando afirma que *‘Em todo o país, polícias e Ministério Público têm nas organizadas e suas facções uma fonte permanente de dores de cabeça’*. Tem assim, uma ligação direta e generalizada entre torcidas organizadas e violência nas praças esportivas. Um efeito de preocupação, ao mesmo tempo de precaução, é visado quando o enunciador, através da voz de especialistas diz que a violência no Brasil pode atingir o *status* do hooliganismo.

“Em Reflexão urgente”, publicado em 30 de dezembro de 2012, o enunciador constrói os líderes de torcida de forma negativa, como se fossem incompatíveis com a função que exercem. Faz isso reproduzindo frases de dois líderes de torcidas organizadas de Grêmio e Inter, um dizendo que assumiu a liderança, pois o líder n.1 estava enfrentando processo por racismo, já o outro, diz que seus boletins de ocorrência foram sempre por brigas defendendo seu próprio clube. Utiliza tal estratégia para causar um efeito de sentido de auto confissão de um perfil inadequado. Com efeito, põe ‘em xeque’ a liderança nas mãos de torcedores com estas características e chama, aproximando-se do discurso, através da utilização de verbos em terceira pessoa – *‘precisamos nos debruçar’*, *‘estamos todos juntos nessa’* – grupos distintos de enunciatários – *‘Brigada Militar, dirigentes, autoridades, jornalistas, jogadores, torcedores’* – para compartilhar de seu posicionamento e ajudar a encontrar soluções para a violência no futebol baseadas no valor da união e da cooperação mútua. Violência, aliás, um tema que, segundo ele, necessita ser discutido com urgência.

O caráter de urgência fica evidente quando diz: *‘Não é o melhor tema para o Ano-Novo, mas melhor agora do que ser surpreendido lá adiante com mortes nos estádios, algo já nem tão raro assim em São Paulo e Rio’*. O enunciador, ao dizer *‘algo já nem tão raro assim em São Paulo e Rio’*, tenta causar no leitor, especialmente, aquele localizado no Rio Grande do Sul, um efeito de precaução. Destaca-se que foi realizada uma leitura sobre os sentidos que o texto ajuda a despertar através de determinados critérios. Ou seja, não há impedimento para outros sujeitos apontarem sentidos diferentes.

Já no texto “Enfim, uma palavra justa”, publicado em 30 de dezembro de 2012, nota-se que são postos dois que se complementam: um está relacionado ao posicionamento assumido pela direção do Grêmio, que, para chegar a uma solução plausível deve agir com

‘*habilidade e segurança*’; já o segundo, se refere à autofiscalização, a qual, no final do texto, é apontada pelo enunciador como a palavra (a ação) mais justa que pode ajudar a resolver o ‘*impasse da torcida organizada Geral*’.

Salienta-se a importante função que exerce o operador argumentativo ‘*Enfim*’, utilizado pelo enunciador no título do texto. Tem-se aqui que o tema central, que o principal valor manuseado pelo enunciador é a busca por ações que possam trazer justiça na solução dos acontecimentos violentos. Através do ‘*Enfim*’, o enunciador quer dizer que finalmente surgiu uma ação, uma palavra justa, que pode resolver a problemática em questão, a autofiscalização, que consiste no controle dos próprios torcedores e dos líderes, principalmente, daqueles torcedores que promovem atos de violência. Finalmente as ações poderão ser tratadas com justiça. O ‘*Enfim*’, utilizado pelo enunciador, traz implicitamente para o discurso, uma carga de outras ações tomadas anteriormente que não tiveram os resultados esperados, não foram enérgicas o suficiente, ou seja, fracassaram. Desse modo, diz-se que aqui o ‘*Enfim*’ exerce a mesma função que o operador argumentativo ‘*finalmente*’, com o valor de conclusão, trabalhado por Maingueneau (1997, p.180). Segundo o autor, “não há nenhuma necessidade que haja efetivamente uma argumentação anterior”, pois a função do finalmente e também do enfim “é precisamente reinterpretar toda a sequência de enunciados anteriores como orientada para certa conclusão, como se fosse conduzida por um propósito argumentativo implícito”. Assim sendo, não há a necessidade de apresentar as ações (ou palavras já proferidas) anteriores para constatar que aquela que o enunciador irá trazer ao longo do texto é vista por ele como a mais adequada.

Quando o enunciador diz que a autofiscalização parece ser a palavra mais adequada, exerce um poder de persuasão que busca fazer com que o enunciatário pense da mesma maneira, pois dá uma valoração negativa às ações da polícia, colocando-a como a última e derradeira solução. A autofiscalização é posta como uma ação capaz de obter bons resultados e ser uma solução melhor que a polícia. Com a pergunta, ‘*Haverá outra antes da polícia?*’, a autofiscalização é posta pelo enunciador como um dos últimos recursos que podem trazer soluções amigáveis, que não necessitam de ações mais drásticas. Segundo ele, direção e líder da torcida estão ‘*convencidos de que não há outro jeito*’. O enunciador, dessa forma, como diz Peruzzolo (No prelo), diz A - a autofiscalização é a mais adequada – “como razão (...) de concluir” B - se não for ela, possivelmente virá a polícia. Este é um argumento que funciona também para trazer ao discurso um tom de ameaça.

Tem-se ainda, um valor injustificável dos fatos, quando o enunciador diz *‘por nada’*, foi despertado o *‘irreprimível ódio tribal’*. Um *‘ódio’*, sustentado possivelmente, como foi visto em “O que explica a violência”, por disputas de verba e poder e, capaz de impulsionar torcedores de um mesmo clube de futebol, inclusive de uma mesma torcida organizada a brigarem entre si.

O enunciador afirma que todos os argumentos, as causas, foram transferidas *‘de um lugar para o outro, até encontrar a imensa vitrina da Arena do Grêmio’*, ou seja, a Arena *‘o estádio de todos os orgulhos’* que ficou com a *‘mancha’* da violência na inauguração, se transformou numa vitrina, isto é, num espaço que dá visibilidade para os atos, um espaço tido pelos torcedores (violentos) como propício para ações violentas. Nota-se que a imensa vitrina tratada pelo enunciador está ligada ao exibicionismo narcisista do qual fala o enunciador. Os dizeres desses trechos sustentam a necessidade de *‘uma palavra justa’*, de que os atos violentos precisam ser controlados, ou seja, são argumentos elaborados pelo enunciador para interferir no modo como o enunciatário irá interpretar os acontecimentos. Destaca-se que a autofiscalização é apresentada como uma solução plausível, pois o enunciador, quando diz *‘Em não muito mais do que cem torcedores’*, evidencia, da mesma maneira que Murad (2007; 2012), que é uma ínfima minoria que causa os atos violentos, a qual pode ser controlada então, pelos outros integrantes da torcida.

1.3 Perspectivas de conclusão

As qualificações recebidas pelos atos e por torcedores violentos ao longo dos textos do dispositivo jornalístico Zero Hora, já apresentados, possibilita a montagem de um panorama valorativo das ações violentas, segundo os vieses dos enunciadores. Os atos violentos são classificados como manifestações agressivas e estúpidas dotadas de ódio tribal, tumultos, atos de vandalismo, pancadaria, selvageria, batalhas, quebra-quebra e guerra. Causados por xingamentos juvenis, olho atravessado, busca de regalias, disputa por verbas e poder, busca de respeito e proteção em jogos fora de casa, rixas pessoais, antiga vingança (rixas que não cicatrizam) e rivalidade entre os clubes. Os atos são praticados por irresponsáveis, por líderes que estimulam, patrocinam, comandam, que articulam e agitam os tumultos, por grupos que parecem estar prontos para a guerra, por indivíduos que buscam causar medo, por bandidos. Os enunciadores apontam como soluções, a autofiscalização, o cadastramento de torcedores, a redução de benefícios. Desse modo, tem-se efeitos como o da totalidade, da precaução, da

preocupação, do suspense, que contribuem para afirmar valores como cooperação, proteção, dinheiro, racionalidade, medo, segurança/insegurança.

Nota-se também, especialmente na reportagem “O que explica a violência”, que ela propõe um contrato de leitura ao enunciador, no entanto, o cumpre apenas em partes, principalmente no que tange as causas do fenômeno sociocultural em questão. Ao apontá-las exclui causas trabalhadas por autores como Murad (2012; 2007) e Wisnik (2008) como a impunidade, a desorganização dos clubes, o desconforto nos estádios, jogos em horários tardios que atendem aos interesses da televisão, aglomeração de um grande contingente de torcedores após os jogos, agravados pela falta de transporte público e grupos ligados ao tráfico de drogas, ao crime organizado que se infiltram nas torcidas.

Quando os enunciadores, ao enunciar a violência no futebol, trazem para seus discursos vozes de outros sujeitos, nota-se uma tendência para vozes de policiais, autoridades, dirigentes de clubes e não de torcedores que realizaram os atos violentos, de suspeitos ou de torcedores que presenciaram o acontecimento. Assim, conclui-se que, por vezes, vozes importantes – as dos torcedores, por exemplo – são silenciadas e outras – autoridades – são explícitas.

A multiplicidade de vozes e de sujeitos torna o discurso, como diz Peruzzolo (No prelo), “uma obra polifônica”. No entanto, ressalta o autor, que “fazer ressoar a voz de outros sob o que se diz, instaurando diferentes instâncias enunciativas, também cria ambiguidades como relação à identidade do enunciador”. Com efeito, o enunciador pode estar apenas transportando para o discurso uma opinião que entra em consonância ou difere das já apresentadas ou, pode fazer falar outro sujeito com intuito e reforçar ou esconder seu próprio posicionamento, ou seja, mascarando através da voz do outro seu próprio ponto de vista.

Pensa-se ainda que os enunciadores dos textos analisados se equivocam ao serem reducionistas e direcionar as causas com intuito de apontar um único culpado, as torcidas organizadas, silenciando – positivamente – as vozes de outros responsáveis (dirigentes de clubes, federações, desconforto, insegurança, maus-tratos dos policiais, horários impostos pela televisão). Tornou-se um lugar comum atribuir a violência às torcidas organizadas. Com efeito, mascara-se os demais responsáveis. Veja-se, que as torcidas organizadas não são aqui defendidas. O que se defende é uma ampliação no estudo e no discurso sobre o fenômeno, que hoje é reducionista e generalizantes. Não há a preocupação em recuperar a essência da torcida organizada, nem ao menos em dizer que elas já foram diferentes.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. Ática. 2010.

BRAIT, Beth. A construção do sentido: exemplo fotográfico persuasivo. *Líbero*. São Paulo. Ano VI, v.6, n.11. p.44-49, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 14. ed. São Paulo, Contexto, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo. Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MURAD, Maurício. **A violência e o futebol**. São Paulo: Benvirá: 2012.

NAVARRO, Pedro. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: GASPAR, Nádea Regina; MILANEZ Nilton (Orgs.) **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de semiótica da comunicação**: quando aprender é fazer. 3. ed. rev. e amp. No prelo.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de semiótica da comunicação**: quando aprender é fazer. Bauru: Edusc, 2004.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.



WISNIK. José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.